

Experiências Musicais com Idosos em Periódicos da área da Gerontologia: uma revisão da literatura

Musical Experiences with the Elderly in Gerontology Journals: a Literature Review

Experiencias musicales con ancianos en revistas de Gerontología: una revisión de literatura

Maria Anastácia Manzano
Evany Bettine de Almeida
Thaís Bento Lima da Silva

RESUMO: O objetivo do trabalho foi fazer um levantamento de estudos que descrevem experiências musicais com idosos no Brasil, em periódicos de gerontologia do país, e verificar a viabilidade da classificação proposta por Clementes-Cortéz (2020) para as experiências musicais. Foram analisados oito artigos e as experiências musicais relatadas classificadas em: três, como música recreativa; dois, como música em medicina; um conjunto de música; um, educação musical e aula de música; e um, como musicoterapia. Conclui-se que a classificação proposta pode ajudar na escolha de atividades musicais para idosos, a depender do objetivo que se quer atingir e que pouco se publica sobre o assunto nos periódicos específicos de gerontologia no país.

Palavras-chave: Gerontologia; Experiência Musical; Idosos.

ABSTRACT: *The objective of this article was to survey studies describing musical experiences with elderly people in Brazil, in national gerontology journals, and to verify if the classification proposed by Clementes-Cortéz (2020) for musical experiences is feasible. Eight articles were analyzed, and the musical experiences reported were thus classified: three as recreational music, two as music in medicine, one as a music ensemble, one as music education and music class and one as music therapy. The conclusion is that the proposed classification may help in the choice of musical activities for the elderly depending on the intended goal and that little is published about the subject in specific gerontology journals in the country.*

Keywords: *Gerontology; Musical experience; Elderly*

RESUMEN: *El objetivo de este trabajo fue una encuesta de estudios que describen experiencias musicales con ancianos en Brasil, en revistas de gerontología del país, y verificar si es viable la clasificación propuesta por Clementes-Cortéz (2020) para experiencias musicales. Se analizaron ocho artículos, y las experiencias musicales reportadas se clasificaron de la siguiente forma: tres como música recreativa, dos como música en medicina, una como conjunto de música, una de educación musical y clase de música y una como musicoterapia. Se concluyó que la clasificación propuesta puede ayudar en la elección de actividades musicales para personas de edad según el objetivo que se quiera alcanzar, y que se publica poco sobre el tema en revistas específicas de gerontología en el país.*

Palabras clave: *Gerontología; Experiencia musical; Ancianos.*

Introdução

O novo paradigma do envelhecimento preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é definido com Envelhecimento Saudável, pautando-se no desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional do indivíduo, permitindo o bem-estar em idade avançada. Por capacidade funcional, podemos entender a combinação do que uma pessoa pode fazer e as interações que ela efetivamente faz com o meio ambiente onde vive. Assim, a OMS pretende substituir modelos de tratamento curativos, baseados na doença, pela prestação de atenção integrada e centrada nas necessidades das pessoas idosas (OMS, 2015).

O envelhecimento é um fenômeno heterogêneo e apresenta uma diversidade biopsicossocial complexa para se traduzir em legislações e condutas universais, como vemos nas discussões relacionadas à definição do limite etário para uma pessoa ser considerada idosa no Brasil e no mundo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida do brasileiro ao nascer em 2018 é de 76,3 anos, representando 30 anos mais que em 1950, quando se morria em média aos 43,3 anos (Lima, & Mendes, 2019). Os dados de hoje, porém, não são representativos para todas as regiões do país onde a violência, desemprego, fome, pobreza, criam “territórios com expectativa de vida japonesa e outros com expectativas de vida da África subsaariana” (Lima e Mendes, 2019, p. 2).

Com esse cenário, a OMS recomenda mudanças profundas na prestação de serviços de saúde à população que está envelhecendo e ações preventivas são tão importantes quanto as ações interventivas nas questões de saúde da pessoa idosa.

A utilização de atividades musicais vem sendo preconizada, tanto para idosos saudáveis quanto para idosos com comprometimentos físicos e mentais, como motivadora da socialização e da estimulação de práticas físicas e cognitivas, além dos aspectos emocionais. São encontradas atividades musicais com pessoas idosas em eventos de Universidades Abertas à Terceira Idade (UNATI) e Núcleos de Convivência de Idosos (NCI), por exemplo. Entretanto, como está a produção de conhecimento científico sobre a utilização da música em atividades direcionadas a idosos saudáveis ou com comprometimentos, dentro de um contexto biopsicossocial, sob o olhar de um gerontólogo?

Segundo Clementes-Cortés (2020), as experiências musicais em saúde são frequentemente classificadas como musicoterapia, porém essa nomeação não é a mais precisa, pois pode levar a uma informação incorreta sobre a prática clínica musicoterapêutica e sobre o papel do profissional musicoterapeuta qualificado na atuação junto aos clientes. Esta autora, no trabalho “Entendendo o continuum das experiências musicais para pessoas com demência”, apresenta uma categorização de experiências musicais que vão desde a recreação até a terapia e discute as características de cada categoria de experiência musical, seus limites e potencialidades.

As categorias propostas por Clementes-Cortés (2020) são: - Música ambiental (ou música de fundo), que é música de qualquer tipo que seja reproduzida enquanto outra

atividade está em andamento; comumente utilizada em lugares de negócio e com dois objetivos principais: excitação e prazer; - Música para entreter: é a música que promove diversão ou prazer a quem vai assistir a um artista; neste caso exige-se que o público participe conscientemente de um evento para se divertir, sendo excelente para criar um senso de comunidade dentro de um espaço compartilhado; - Música Recreativa: experiências receptivas ou intervenções ativas que se destinam exclusivamente a fins de diversão; destacando-se as atividades de ouvir, tocar um instrumento e cantar, que não envolvam objetivos relacionados à saúde, dentro de especificidades médicas, diferenciando-se, então, das experiências de música em medicina e musicoterapia.

Seguindo ainda as categorias de Clementes-Cortés (2020) tem-se: - Música em Medicina: é uma intervenção não farmacológica que envolve pessoal médico ou das áreas de saúde (terapeutas), que implementa uma experiência auditiva passiva utilizando músicas pré-gravadas; diferem da musicoterapia pela ausência do musicoterapeuta; - Música Comunitária: trata-se de uma variedade de experiências conduzidas por facilitadores treinados neste campo (como, por exemplo, roda de tambores e música intergeracional); - Conjunto de música: consiste na participação em grupos como bandas e corais.

Finalizando a proposta, a autora apresenta ainda mais duas categorias: - Educação Musical e Aulas de Música: ocorrem em ambientes de aprendizagem individual ou coletivos. A Educação Musical abrange o espectro mais amplo que as aulas de música, incluindo programas especializados como a apreciação musical. Envolve o aprendizado de um instrumento musical ou do canto; - Musicoterapia: visa a alcançar objetivos funcionais e não musicais, abrangendo áreas de saúde, bem-estar e comportamento. A relação cliente-terapia é parte essencial da musicoterapia em que o profissional musicoterapeuta, com formação em nível superior, avalia o potencial cliente, formula um plano de tratamento para atender metas e objetivos específicos. Tais metas podem ser descritas dentro de vários domínios, a saber: 1) cognitivo; 2) de comunicação; 3) emocional; 4) físico; 5) social; 6) espiritual (Clementes-Cortés, 2020).

Esta classificação não pretende estabelecer uma hierarquia de importância entre as atividades; ao contrário, quer valorizar cada uma delas em suas potencialidades. Por exemplo, a utilização da música ambiente para acalmar os residentes com demência de uma ILPI durante as refeições (Whear e colaboradores citados por Clementes-Cortés,

2020) é tão importante quanto a utilização da musicoterapia para a redução da pressão sanguínea em pacientes hipertensos (Zanini, 2009).

Assim, o objetivo do presente trabalho foi o de fazer um levantamento de estudos que descrevem experiências musicais com idosos no Brasil, publicados nos principais periódicos da área de gerontologia do país, e verificar a viabilidade da classificação proposta por Clementes-Cortéz (2020), para as experiências musicais nos trabalhos encontrados.

Metodologia

Este é um estudo de revisão bibliográfica com análise crítica sobre as experiências musicais descritas em artigos científicos da área de gerontologia, realizado entre abril e julho de 2020.

A partir da análise do currículo de 27 renomados profissionais da Gerontologia, professores do curso de Pós-graduação *Lato sensu* em Gerontologia da Faculdade Paulista de Serviço Social, em São Paulo, capital, foram estabelecidos os quatro periódicos científicos brasileiros da área de Gerontologia onde se daria a busca de artigos para esta revisão, a saber:

- a. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, disponível na Internet em *site* próprio, a partir do volume 1, 1999.
- b. Revista Kairós-Gerontologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, disponível na internet em *site* próprio a partir do volume 10, número 1, de junho de 2007.
- c. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, da Universidade de Passo Fundo, RS, disponível na internet no *site* próprio, a partir do volume 1, número 1, de janeiro/junho de 2004.
- d. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, disponível tanto em *site* próprio quanto na plataforma SciELO a partir do volume 9, número 2, maio/agosto de 2006.

Foram realizadas buscas nos *sites* de cada revista com os seguintes descritores, apenas no idioma português: **música, musical, musicoterapia, canto, cantar, coral, canção, canções.**

O critério de inclusão foi que o estudo deveria apresentar uma experiência musical com idosos. Os artigos que não apresentassem a descrição de uma atividade ou experiência musical foram excluídos.

As buscas e a recuperação dos artigos foram realizadas no dia 16 de abril de 2020.

A busca por artigos foi realizada nos *sites* dos periódicos, sem delimitação de datas, procurando-se, assim, cobrir todo o arquivo digital disponível. Os artigos selecionados cobriam os anos de 2006 a 2016.

Resultados e Discussão

Foram encontrados ao todo 24 artigos e após a leitura dos resumos, 8 foram selecionados para este trabalho, sendo, então, 16 artigos descartados. Foram sete as razões para exclusão dos artigos: trabalhos teóricos ou que não apresentaram descrição de atividades (4); o descritor música aparece na caracterização do autor (licenciado ou bacharel em música ou trabalha em departamento com esse nome), porém o artigo é sobre outro assunto (3); artigos sobre dança (3); artigos com experiências musicais de outros países (2); as experiências musicais são apenas citadas dentre outras atividades, artísticas ou não (2); trabalho sobre costumes (1) e o descritor aparece ao acaso; o tema do artigo é outro (1).

Os periódicos selecionados representam os veículos de divulgação da área de Gerontologia no Brasil. Sabe-se que muitos trabalhos cuja temática envolvendo pessoas idosas, envelhecimento e longevidade são publicados em revistas e periódicos das mais diferentes áreas, tais como: psicologia, medicina, fisioterapia e esportes, ciências sociais, porém neste trabalho interessa-nos conhecer os periódicos específicos da área de Gerontologia no Brasil; daí a busca não ser realizada nas plataformas mais utilizadas de buscas, mas sim diretamente nos *sites* das revistas selecionadas.

Das quatro revistas utilizadas para este trabalho, apenas duas encontram-se nas bases de dados mais conhecidas e utilizadas. A revista *Kairós-Gerontologia* está na

Lilacs¹, base de dados especializada na área da saúde da América Latina e Caribe, e a Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia está na SciELO², biblioteca digital desenvolvida com apoio da FAPESP³ e da BIREME⁴, para disponibilizar artigos científicos a pesquisadores de países em desenvolvimento, em especial América Latina e Caribe. Nos dois casos, os artigos são de livre acesso, mas, o mais importante, é que há critérios de avaliação da qualidade dos periódicos, baseados em padrões internacionais de comunicação científica. Assim, é importante para os periódicos estarem presentes em tais bases, atestando a qualidade de suas publicações e de seus processos de revisão por pares. A distribuição dos artigos encontrados e selecionados estão representados no quadro 1.

Quadro 1. Distribuição dos artigos encontrados e selecionados nos periódicos Brasileiros de Gerontologia de acordo com a busca com os descritores da pesquisa

Periódico	Encontrados	Selecionados
Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento	4	2
Revista Kairós-Gerontologia	14	4
Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano	3	1
Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	3	1
Total	24	8

A leitura dos resumos dos artigos permitiu a construção do Quadro 2, onde estão descritos os objetivos, os métodos, os principais resultados e as considerações finais ou conclusões apresentadas pelos autores.

¹ Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

² Scientific Electronic Library Online.

³ Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo.

⁴ Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.

Quadro 2: Objetivos, métodos, resultados e considerações finais obtidos a partir dos resumos dos artigos selecionados

Autor(es), ano	Objetivos	Métodos	Resultados e Considerações finais
Cassol, M., & Bós, A. J. G. (2006). Canto Coral melhora sintomas vocais em idosos saudáveis.	Avaliar modificações de sintomas vocais em indivíduos idosos no período de dois anos de atividade em canto coral.	Quarenta e quatro idosos com mais de 60 anos, de ambos os sexos, sem experiência prévia recente em canto, mas dispostos a participar do coral. Avaliação dos sintomas vocais por meio de questionário referentes à voz, em quatro momentos.	Comprovação da hipótese de que o canto coral melhorou os sintomas vocais na diminuição gradual dos sintomas detectados ao longo da atividade no canto coral.
Renner, K. K., Beyer, E. (2007) O tempo musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música da idade madura.	Elucidar as razões que levam os adultos maduros, que têm no seu cotidiano o fazer musical (canto, regência, execução instrumental ou prática de ensino), as razões que os levam a esta prática e qual a repercussão na sua qualidade de vida	Entrevistados 13 sujeitos (7 amadores e 6 profissionais). As respostas foram organizadas em cinco categorias: para amadores e seis para os profissionais.	A prática musical traz contribuição significativa aos indivíduos ativando suas funções psico-biológicas. Há ampliação na qualidade de vida A música possibilita que a criatividade e a consciência formem um construto dinâmico de aprendizagem e sabedoria.
Meira, E. C. <i>et al.</i> (2008) Teoria assistiva de vivências musicais na recuperação vocal de idosos portadores de Doença de Parkinson.	Avaliar a efetividade da tecnologia de vivências musicais desenvolvida e testada em termos de recuperação vocal de idosos parkinsonianos.	Amostra de 12 idosos que se submeteram aos procedimentos de teste e avaliação da tecnologia. Esta consistiu de teste de voz (atividades rítmicas corporais, aquecimento vocal, respiração diafragmática e intercostal, canto em grupo.	A maioria dos idosos demonstrou melhoras na emissão vocal. Metade demonstrou melhoras na dinâmica respiratória, no aumento do número de notas cantadas em uma inspiração e articulação de vocalizes. Outros demonstraram melhoras na <i>performance</i> vocal.

<p>Mozer, N. M. S., Oliveira, S. G., & Portella, M. R. (2011). Musicoterapia e Exercícios Terapêuticos na qualidade de vida de idosos institucionalizados.</p>	<p>Avaliar a qualidade de vida de idosos institucionalizados pré- e pós-intervenção da musicoterapia e exercícios terapêuticos.</p>	<p>Foram avaliados 66 idosos com idade entre 60 e 92 anos, divididos em 2 grupos (pré- e pós-intervenção), utilizando-se o Questionário SF 36. Atendimento de uma hora, duas vezes por semana por três meses.</p>	<p>Significância estatística entre os grupos pré- e pós-intervenção nos domínios capacidade funcional, dor e aspectos emocionais. Musicoterapia e exercícios terapêuticos contribuem de forma positiva na qualidade de vida, segundo os domínios analisados, elementos importantes que, trabalhados, resgatam o lúdico, as emoções, a espiritualidade e colabora com a humanização das ILPIs.</p>
<p>Schlögl, A. <i>et al.</i> (2012). A poesia cantada, com idosos asilados, na possível reconstrução do imaginário.</p>	<p>Participação de idosos de ILPI numa oficina de música dentro da pesquisa “Imaginário, idosos tabagistas asilados e organização de asilos: organizacionalidade antropolítica– IATO”⁵</p>	<p>Oficina de música – Coral.</p>	<p>A música, ou poesia cantada, influi beneficentemente sobre o imaginário dos sujeitos do grupo, os idosos asilados.</p>
<p>Prazeres, M. M. V. <i>et al.</i> (2013). O canto coral como sopro de vida: um estudo dos efeitos do canto coral em um grupo de coralistas idosas.</p>	<p>Analisar como a prática do canto coral, a música e as reminiscências geradas pelas canções antigas influenciaram na qualidade de vida de idosas.</p>	<p>Pesquisa de caráter exploratório com abordagem qualitativa, realizada com 21 idosas, a partir de 60 anos, integrantes do Coral “Sempre Jovem”, UnATI de UCB-DF.</p>	<p>Percentual de autoestima maior nas participantes com mais de 6 meses, em relação às iniciantes. Categorias: Benefício (memórias, socialização, bem-estar), Afetividade (autoentrega, autoestima, saudade), Qualidade (competência e perseverança).</p>

⁵ Objetivo deduzido pelas autoras deste estudo, após a leitura do referido artigo.

<p>Aquino, F. S., Araújo, D. M. F., & Ferreira, L. P. (2015). <i>Idosas Coralistas: Valores Atribuídos ao envelhecimento.</i></p>	<p>Analisar valores atribuídos ao envelhecimento por idosas coralistas.</p>	<p>Responderam à pergunta “O que é envelhecer?” 54 idosas participantes de corais e 25 idosas que participavam de outras atividades que não envolvessem o uso da voz cantada. As respostas foram gravadas, transcritas, submetidas à “leitura flutuante” e classificadas em eixos temáticos.</p>	<p>As coralistas atribuem valores positivos ao envelhecer, caracterizados principalmente por menor preocupação com as limitações físicas e mentais, pela aceitação das mudanças decorrentes do envelhecimento como um processo natural e de visão positiva sobre sua faixa etária.</p>
<p>Araújo, L. F. <i>et al.</i> (2016). <i>A musicoterapia no fortalecimento da comunicação entre idosos institucionalizados.</i></p>	<p>Investigar a musicoterapia como promotora do fortalecimento da comunicação entre os idosos institucionalizados de uma determinada ILPI do estado do Piauí.</p>	<p>Pesquisa-ação.</p>	<p>A musicoterapia entre os idosos institucionalizados pode contribuir para o fortalecimento da comunicação, propiciando a sua socialização junto a profissionais e funcionários, além de consequentes sinais de recuperação da autoestima.</p>

Após a leitura completa dos artigos selecionados, foi possível classificá-los de acordo com as categorias estabelecidas previamente. O quadro 3 mostra a classificação dos artigos, de acordo com as categorias propostas por Clementes-Cortés (2020) e, em seguida, apresentamos a discussão sobre a classificação.

Quadro 3. Classificação dos artigos de acordo com as categorias propostas por Clementes-Cortés (2020)

Categoria	Encontrados	Referências
Musica ambiental	0	
Música para entreter	0	
Música Recreativa	3	Schlögl, A. <i>et al.</i> (2012). A poesia cantada, com idosos asilados, na possível reconstrução do imaginário. Prazeres, M. M. V. <i>et al.</i> (2013). O canto coral como sopro de vida: um estudo dos efeitos do canto coral em um grupo de coralistas idosas. Aquino, F. S., Araújo, D. M. F., & Ferreira, L., P. (2015) Idosas Coralistas: Valores Atribuídos ao envelhecimento.
Música em Medicina	2	Meira, E. C. <i>et al.</i> (2008). Teoria assistiva de vivências musicais na recuperação vocal de idosos portadores de Doença de Parkinson Mozer, N. M. S., Oliveira, S. G., & Portella, M. R. (2011). Musicoterapia e Exercícios Terapêuticos na qualidade de vida de idosos institucionalizados.
Música Comunitária	0	
Conjunto de música	1	Cassol, M., & Bós, A. J. G. (2006). Canto Coral melhora sintomas vocais em idosos saudáveis.
Educação Musical e Aulas de Música	1	Renner, K. K., & Beyer, E. (2007). O tempo musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música da idade madura.
Musicoterapia	1	Araújo, L. F. <i>et al.</i> (2016). A musicoterapia no fortalecimento da comunicação entre idosos institucionalizados.

Importante ressaltar um esclarecimento sobre a peculiaridade desta revisão sistemática. Dentro de nossos objetivos, está o de conhecer o universo das atividades musicais publicadas em periódicos exclusivos do campo de conhecimentos da Gerontologia. Mantendo o rigor metodológico, optamos por fazer a busca apenas nos periódicos desta área, utilizados por um grupo reconhecido de profissionais, que são destaques no país. Entendemos, assim, estar cobrindo todo o universo de publicações dos mais destacados periódicos de gerontologia do país. Nesta revisão, não estávamos

interessados nas publicações em periódicos de outras áreas, o que poderá ser realizado em outro momento.

Os primeiros trabalhos apresentados serão os classificados na categoria **Música Recreativa**. O artigo “O canto como sopro de vida: um estudo dos efeitos do canto coral em um grupo de coralistas idosas”, Prazeres *et al.* (2013) realizaram uma pesquisa com 21 idosas de um coral vinculado a uma Universidade Aberta da Terceira Idade, objetivando analisar como na prática do lazer, expressam-se, no canto coral, a música e as reminiscências geradas pelas canções antigas que influenciavam na qualidade de vida das idosas, dando ênfase ao construto autoestima. Neste caso, o coral está sendo visto como objeto de prazer; daí, esta experiência musical estar incluída na categoria música recreativa. Da mesma maneira incluímos o artigo “Idosas Coristas: valores atribuídos ao envelhecimento”, de Aquino *et al.* (2015). As autoras perguntaram a 54 idosas participantes de 5 corais e 25 idosas que não participavam de corais, “O que é envelhecer?”. Não há maiores descrições sobre os grupos corais no trabalho, apenas uma boa apresentação e discussão dos resultados.

O terceiro artigo incluído nesta categoria, “A poesia cantada, com idosos asilados, na possível reconstrução do imaginário” (Schlögl *et al.*, 2012), não apresenta claramente no texto qual é o objetivo. Trata-se de recorte de uma intervenção mais ampla; os autores descrevem a formação de um coral e parecem justificar a intervenção, com a intenção de intensificar os vínculos afetivos entre os residentes, e foram feitas análises com o Arquétipo Teste dos 9 elementos (AT-9). Os resultados foram apresentados em relação ao imaginário dos idosos. A inclusão nesta categoria de música recreativa se dá porque o coral foi constituído para fins da intervenção, não se tratando de um grupo já existente, com história e estrutura característica.

Apenas um artigo foi colocado na categoria **Conjunto de música** subcategoria **Coral**: “Canto Coral melhora sintomas vocais em idosos saudáveis” (Cassol, & Bós, 2006) que apresenta uma pesquisa com indivíduos de ambos os sexos, com idade acima de sessenta anos, e que iniciavam atividades num projeto de canto coral para a terceira idade, já existente. O projeto objetivou avaliar as modificações de sintomas vocais nesses indivíduos, durante dois anos de atividades neste grupo. Apesar de o artigo ter um objetivo claro na área da saúde, o foco no cuidado vocal demonstra uma preocupação com a qualidade do corpo, além da saúde; daí seu enquadramento na categoria Conjunto de música.

Sobre o canto coral com idosos, Veloso e Brandalise (2018) apresentaram uma revisão sistemática sobre o canto aplicado à saúde e encontraram uma grande diversidade de objetivos, resultados e áreas de conhecimento envolvidos no estudo deste tópico. Os principais eixos de interesse foram as artes, a medicina, o direito, a educação e a sociologia. Os autores destacaram que o canto coral é bastante explorado com a população idosa e grande parte das pesquisas levantadas na revisão relataram a utilização do canto e treinamento de canto para pessoas idosas com patologias como demências, inclusive as do tipo Alzheimer, e Doença de Parkinson. Todos os trabalhos relataram benefícios sociais e emocionais ao cantar em grupo, melhorando os sintomas da doença ou proporcionando uma melhor qualidade de vida, saúde e bem-estar.

Numa abordagem fenomenológica, Claudia Zanini (2002) desenvolveu o conceito de Coro Terapêutico:

um grupo conduzido por um musicoterapeuta, com objetivos terapêuticos, em que a voz é utilizada como recurso para a comunicação, expressão, satisfação e interação social. Os participantes, através do cantar, veiculam sua subjetividade, externando sua existencialidade interna (pp.128-129).

Apesar de não contemplar as experiências musicais apresentadas nos trabalhos aqui incluídos nas categorias Música Recreativa e Música de Conjunto, já que não se trata de experiências musicoterapêuticas, o trabalho de Zanini (2002) permite uma reflexão sobre a prática do canto coral, uma vez que a autora apresenta três aspectos, que ela chamou de essências, que poderiam ser considerados pelos responsáveis pelas atividades aqui apresentadas, a fim de uma compreensão e aproveitamento mais integral desta prática. A primeira essência trata da importância do grupo coral realizando algo, “o cantar”. Não se está inativo, ao contrário, está-se produzindo. E mais, a pessoa está participando de um grupo. Para a pessoa idosa que, muitas vezes, vê o seu círculo de convivência familiar e social ser reduzido com o tempo, e suas atividades diminuírem, essa participação com a possibilidade de novas amizades e de novos aprendizados proporcionará estímulos importantes para a saúde e bem-estar.

A segunda essência trazida por Zanini (2002) refere-se à revelação da “subjetividade/existencialidade” interna do ser relacionada à consciência, ao pensar humano, quando no processo de seleção do repertório, os coralistas são ouvidos pelo regente/maestro e suas canções escolhidas são consideradas. E, finalmente, a terceira essência é a “autoconfiança do ser”, cuja participação no Coro faz com que o participante tenha expectativas para o futuro.

Na categoria **Educação Musical e Aulas de Música**, no artigo “O tempo musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música da idade madura” (Renner, & Beyer, 2007), as autoras, pesquisando adultos maduros que tinham em seu cotidiano o fazer musical, estudaram a multiplicidade das formas e as contribuições de suas práticas musicais na melhoria e ampliação da qualidade de vida dos próprios e procuraram elucidar as razões interiores e os componentes pessoais que formavam seus percursos. O trabalho apresenta relato dos músicos e cantores participantes (amadores e profissionais) e de profissionais que trabalham com pessoas idosas, reconhecendo a importância da educação musical na sua formação e para a terceira idade. As autoras discutem a andragogia, ou seja, a educação de adultos, e colocam o fazer musical como “um processo educativo que ativa e integra as faculdades da mente, entre elas a sensibilidade, razão, intelecto e emoção” (p.117).

Carrasco *et al.* (2016) apresentam uma revisão sobre experiências musicais com idosos e discorrem sobre a educação musical na terceira idade como uma poderosa ferramenta, pois seus efeitos incidem no bem-estar psicológico, na memória e na cognição dos idosos. Os autores levantaram que, dentre os efeitos na saúde física, as aulas de órgão e piano permitem agilidade dos dedos das mãos, dos pés e do cérebro, mantendo a resistência física e reduzindo o estresse; cantar e participar de um conjunto musical de maneira recreativa melhoram a função respiratória, mantêm o tônus muscular geral e se associam positivamente com a saúde geral.

Dos três artigos que apresentaram a palavra musicoterapia entre as palavras-chave, dois foram incluídos na categoria **Música em Medicina** (Meira *et al.*, 2008; Mozer *et al.*, 2011) e exemplificam bem o que Clementes-Cortés (2020) discute em seu texto, quando chama a atenção ao senso comum de que qualquer intervenção com música não pode ser considerada musicoterapia, principalmente aquelas que não envolvam profissionais da saúde.

Definir Musicoterapia não é tarefa fácil, visto que se trata de um corpo híbrido e transdisciplinar de conhecimentos e práticas, que envolve a música e a terapia (Bruscia, 2000). No Brasil, a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) a define, em parte, como um campo de conhecimento que estuda os efeitos da música e da utilização de experiências musicais, resultantes do encontro entre o/a musicoterapeuta e as pessoas assistidas (UBAM, 2018). Bruscia (2000) considera as relações resultantes dessas experiências como forças dinâmicas de mudanças. Para exercer a profissão de musicoterapeuta no Brasil, é necessário fazer o curso de Graduação ou Pós-Graduação em Musicoterapia.

O artigo de Meira *et al.* (2008), “Tecnologia assistiva de vivências musicais na recuperação vocal de idosos portadores de Doença de Parkinson”, pretendeu descrever e avaliar uma tecnologia de vivências musicais aplicadas a pacientes idosos que apresentavam Doença de Parkinson, por um período de dois semestres no departamento de saúde de uma universidade estadual. As atividades musicais utilizadas foram: atividades rítmicas e corporais, atividades de técnicas vocais, atividades técnicas de respiração, atividades de canto em grupo, atividades do instrumento de sopro (flauta doce). A avaliação se deu por instrumentos próprios para a avaliação da voz cantada e falada. Por que o trabalho não se enquadraria numa atividade de musicoterapia? Para começar, porque não havia nenhum musicoterapeuta na equipe (pelo menos duas autoras cursaram pós-graduação em musicoterapia posteriormente), os procedimentos e testes utilizados não foram validados na área de musicoterapia, nem na área da saúde, não há discussão embasada no corpo de conhecimento musicoterapêutico histórica e cientificamente construído. A inclusão como um trabalho de Música em Saúde ocorre arbitrariamente, porque envolve profissionais da saúde que se utilizaram da música em suas práticas terapêuticas, já que vai um pouco além do que propõe Clement-Cortés (2020) e envolve a produção musical pelos pacientes.

A Doença de Parkinson é um dos exemplos de patologia que pode ser muito beneficiada com o uso da música. Côrte e Lodovici Neto (2009) descrevem, a partir de uma pesquisa de mestrado, o trabalho realizado com pacientes da Doença de Parkinson que participavam de um Coro Terapêutico. Consideram que a música minimiza consideravelmente os efeitos incômodos da Doença de Parkinson, dado que os pacientes se valem da música, e dos sons gerados, para se tornarem mais sensíveis a seus próprios

ritmos e ciclos. Os autores afirmam que as vivências musicais podem ser a oportunidade de os idosos se posicionarem de modo positivo diante da doença e levarem a vida com mais sentido e otimismo. Os autores ainda destacam que a música para o tratamento da Doença de Parkinson deve ser vista como uma terapia “resiliente”, capaz de estabelecer uma posição de resistência, mas deve ser “coadjuvante”, dado que o tratamento musicoterapêutico necessita estar inserido num programa multidisciplinar, composto dentre outros tratamentos, de medicações, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e artística.

O segundo trabalho levantado na revisão foi o de Mozer *et al.* (2011), “Musicoterapia e exercícios físicos na qualidade de vida de idosos institucionalizados”, em que a música também foi utilizada para acompanhar exercícios físicos terapêuticos. Não há, no trabalho, descrição de práticas musicoterapêuticas típicas, nem uma discussão consistente sobre o assunto. E não há musicoterapeuta na equipe. Mais uma vez, trata-se de Música em Saúde.

Na revisão sobre o canto aplicado à saúde, Veloso e Brandelise (2018) encontraram 41,1% dos trabalhos na área da medicina, seguidos por 38,2% na musicoterapia.

O trabalho de Araújo e colaboradores (2016) intitulado “A Musicoterapia no fortalecimento da comunicação entre idosos institucionalizados” foi incluído na categoria **Musicoterapia** por claramente se tratar de uma intervenção musicoterapêutica. Além de uma das autoras ser musicoterapeuta, o trabalho descreve as etapas de um processo musicoterapêutico e as técnicas utilizadas baseiam-se em literatura própria da área, tem os resultados interpretados a partir do sonoro e da relação com a música, para atingir os objetivos não musicais, que eram valorizar a comunicação entre os idosos. Os autores relatam que, com a musicoterapia, os idosos residentes na ILPI puderam encontrar uma possibilidade de expressar sentimentos e conteúdos silenciados por sentimentos negativos como solidão, timidez, constrangimento e vergonha.

Em uma revisão, Wilson *et al.* (2019) encontraram que a musicoterapia é a intervenção não farmacológica mais comum para a ansiedade em pessoas com demência nas instituições de longa permanência para idosos (*nursing*, em inglês).

Em sua discussão, Clementes-Cortés (2020) também destaca que, às vezes, é indicada a inclusão de outras categorias de experiências musicais em tratamento colaborativo com a musicoterapia.

Considerações finais

Para iniciar estas considerações finais, queremos destacar o respeito a todos os autores e a todos os trabalhos analisados neste artigo. A intenção não foi, jamais, diminuir ou menosprezar nenhum deles, mas estabelecer um sistema de classificação por grau de envolvimento dos idosos com a música, partindo do menor envolvimento, a música ambiente, o maior envolvimento, a musicoterapia.

Assim, podemos afirmar que a classificação proposta por Clementes-Cortés (2020) pode ser uma boa estratégia para se pensar em atividades para idosos, quando se tem claramente os objetivos que se quer alcançar. A necessidade é entretê-los para passar o tempo, sem que se estressem? Uma música recreativa pode ser a solução. Precisamos estimulá-los física ou cognitivamente? Música comunitária, conjunto ou aula de música. Há condições patológicas a serem tratadas? Musicoterapia.

Interessante observar também que uma mesma experiência musical pode ser colocada em diferentes categorias, de acordo com o objetivo que apresenta, como observamos com a prática do Coral, quando em um trabalho, Prazeres *et al.* (2013), foi colocado na categoria **Música Recreativa**, pois o foco era claramente o prazer proporcionado e, em outro artigo, de Cassol e Bós (2006), o foco na saúde e na qualidade vocal permitiram classificar como **Conjunto de Música**.

Mais uma vez é importante ressaltar que a classificação nestes casos não pretende diminuir ou “engessar” as experiências musicais, mas permitir que suas potencialidades, como grupo de atividades sejam valorizadas.

O segundo objetivo proposto neste artigo, a análise das publicações nos periódicos da área de gerontologia nos traz algumas importantes reflexões para a área. O artigo mais recente que encontramos data de 2016, um tanto antigo em termos de publicação.

Podemos, então, levantar duas hipóteses: as atividades musicais com idosos não estão sendo publicadas, ou estão sendo publicadas/divulgadas em outros periódicos, ou em outras mídias. Não estará havendo interesse, entre os gerontólogos, em pesquisar esta área? Outros espaços estarão valorizando mais estas práticas?

Parece que a questão musical segue a ideia discutida por autores apresentados no trabalho de Melo e colaboradores (2015) em que a Gerontologia ainda seria uma subdisciplina de outras áreas, visto que trabalhos com experiências musicais são publicados em periódicos de música, musicoterapia, e da área da saúde e medicina.

O fortalecimento da Gerontologia também pode se dar por meio da divulgação de trabalhos em periódicos científicos específicos, importantes veículos de divulgação de conteúdo científico na área.

Estamos cientes das limitações que apresenta este estudo quanto às experiências musicais desenvolvidas com idosos, apresentadas apenas nos periódicos de gerontologia, e ressaltamos a importância de tais atividades no âmbito multidisciplinar.

Também queremos destacar o papel integrador do gerontólogo, ao recolher e disponibilizar as informações espalhadas em diversos meios de comunicação, uma vez que sempre devem ser consultadas outras áreas de conhecimento, quando da necessidade de se conhecer o universo das atividades musicais junto à pessoa idosa.

Finalmente, não podemos perder de vista o grande potencial da música dentre as intervenções não farmacológicas e biopsicossociais para a pessoa idosa.

Referências

Araújo, L. F. Santos, L. M. S., Amaral, E. de B., Cardoso, A. C. A., & Negreiros, F. (2016). (2016). A musicoterapia no fortalecimento da comunicação entre idosos institucionalizados. *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(Número Especial 22, “Envelhecimento e Velhice”), 191-205. Recuperado em 16 abril, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/32487/22495>.

Aquino, F. S., Araújo, D. M. F., & Ferreira, L. P. (2015). Idosas Coralistas: Valores Atribuídos ao envelhecimento. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(4), 117-131. Recuperado em 16 abril, 2020 de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27378/19371>.

Bruscia, K. E. (2000). *Definindo Musicoterapia*. (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Enelivros.

Carrasco, A. M. V., Carnicer, J. G., & Garrido, C. C. (2016). La experiencia musical em las personas mayores. Enfoques teóricos y buenas prácticas. *Revista Kairós Gerontologia*, 19(2), 9-22. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/29976/20780>

Cassol, M., & Bós, A. J. G. (2006). Canto Coral melhora sintomas vocais em idosos saudáveis. *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 113-122. Recuperado em 16 abril, 2020, de: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/76/72>.

- Clementes-Cortés, A. (2020). Understanding the Continuum of Musical Experiences for People With Dementia. *In: Baird, A., Garrido, S., & Tamplin, J. Music and Dementia*. Oxford: University Press. (3-23).
- Côrte, B., & Lodovici-Neto, P. (2009). A Musicoterapia na Doença de Parkinson. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(6), 2295-2304. Recuperado em 21 setembro, 2020, de: <https://www.scielo.org/article/csc/2009.v14n6/2295-2304/>.
- Lima, K. C., & Mendes, T. C. O. (2019). Qual o limite etário ideal para uma pessoa ser considerada idosa na atualidade? *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 22(5), 1-3. Recuperado em 12 julho, 2020, de: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232019000500101&script=sci_arttext&tlng=pt.
- Meira, E. C., Sena, E. L. S., Souza, A. S., Coronago, V. M. M. O., Gonçalves, L. H. T., Santos, E. T., Bôa Sorte, A. A. S., & Santos, L. T. (2008). Tecnologia assistiva de vivências musicais na recuperação vocal de idosos portadores de Doença de Parkinson. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, 11(3), 341-355. Recuperado em 16 abril, 2020, de: <https://www.scielo.br/pdf/rbgb/v11n3/1981-2256-rbgb-11-03-00341.pdf>.
- Melo, R. C., & Lima-Silva, T. B. C. M. (2015). Desafios da formação em Gerontologia. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18 (N.º Especial 19), Temático: “Envelhecimento Ativo e Velhice”, 123-147. Recuperado em 16 abril, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/27261/19297>.
- Mozer, N. M. S., Oliveira, S. G., & Portella, M. R. (2011). Musicoterapia e Exercícios Terapêuticos na qualidade de vida de idosos institucionalizados. *Estud. Interdiscipl. Envelhec.*, 16(2), 229-244. Recuperado em 16 abril, 2020, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/14348/15441>.
- OMS (2015). Organização Mundial da Saúde. *Resumo do Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Recuperado em 12 julho, 2020, de: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/oms-envelhecimento-2015-port.pdf>.
- Prazeres, M. M. V., Lira, L. C., Lins, R. G., Cárdenas, C. J., Melo, G. F., & Sampaio, T. M. V. (2013). O canto coral como sopro de vida: um estudo dos efeitos do canto coral em um grupo de coralistas idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(4), 175-193. Recuperado em 16 abril, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/19636/14509>.
- Renner, K. K., & Beyer, E. (2007). O tempo musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música da idade madura. *Estud. Interdiscipl. Envelhec.*, 11, 203-222. Recuperado em 16 abril, 2020, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4815/2713>.
- Schlögl, A., Loureiro, A. M. L., Santos, M. F., Cárdenas, C. J., & Bezerra, A. J. C. (2012). A poesia cantada, com idosos asilados, na possível re-construção do imaginário. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(5), 141-167. Recuperado em 16 abril, 2020, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/6686/11435>.
- UBAM, União Brasileira das Associações de Musicoterapia. (2018). *Definição Brasileira de Musicoterapia*. Recuperado em 5 janeiro, 2019, de: <https://ubammusicoterapia.com.br/institucional/o-que-e-musicoterapia/>.

Veloso, C., & Brandalise, A. (2018). O canto aplicado à saúde: uma revisão sistemática da literatura entre os anos 2011 e 2016. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, 20(24), 45-71. Recuperado em 18 setembro, 2020, de: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2019/05/3-O-canto-aplicado-a-sa%C3%BAde-uma-revis%C3%A3o-sistem%C3%A1tica-da-literatura-entre-os-anos-de-2011-e-2016.pdf>.

Wilson, C. B., Arendt, L., Nguyen, M., Scott, T. L., Neville, C. C., & Pachana, N. A. (2019). Nonpharmacological Interventions for Anxiety and Dementia in Nursing Homes: A Systematic Review. *Gerontologist*, 59(6), e731-e742. Recuperado em 5 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1093/geront/gnz020. Recuperado em 25 agosto, 2020, de: <https://academic.oup.com/gerontologist/article/59/6/e731/5485473>.

Zanini, C. R. O. (2002). *Coro Terapêutico: o olhar do musicoterapeuta para o idoso no novo milênio*. Dissertação de mestrado no programa Mestrado em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. Recuperado em 19 setembro, 2020, de: https://www.researchgate.net/publication/305379947coro_terapeutico-um_olhar_do_musicoterapeuta_para_o_idoso_no_novo_milenio.

Zanini, C. R. O., Jardim, P. C. B. V., Salgado, C. M., Nunes, M. C., Urzêda, F. L., Carvalho, M. V. C., Pereira, D. A., Jardim, T. S. V., & Souza, W. K. S. B. (2009). O efeito da musicoterapia na qualidade de vida e na pressão arterial do paciente hipertenso. *Arq. Bras. Cardiol.*, 93(5), 534-540. Recuperado em 7 junho, 2020, de <https://www.scielo.br/pdf/abc/v93n5/a15v93n5.pdf>.

Maria Anastácia Manzano - Bacharel em Ciências Biológicas (USP). Especialista em Musicoterapia (Faculdade Hélio Rocha). Mestre em Ciências Biológicas (USP). Mestre em Educação para Ciências (UNESP). Pós-Graduanda em Gerontologia (FAPSS). Musicoterapeuta clínica atuando em domicílios e ILPIs.

E-mail: anastaciapos@gmail.com

Evany Bettine de Almeida – Gerontóloga, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Docente da universidade da terceira idade USP 60+, mestre em filosofia e doutoranda em ciências pela mesma universidade. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Gerontologia da Faculdade Paulista de Serviço Social- (FAPSS).

E-mail: eva.bettine@gmail.com

Thais Bento Lima da Silva - Docente do Curso de Bacharelado em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Pesquisadora do Grupo de Neurologia Cognitiva e do Comportamento, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Gerontologia da Faculdade Paulista de Serviço Social- (FAPSS).

E-mail: gerontologathais@gmail.com